

possam ser as intenções daqueles que as governam, essas máquinas, enquanto existirem, esmagam e hão-de esmagar os homens. As penitenciárias industriais que são as grandes fábricas apenas podem produzir escravos, nunca trabalhadores livres, e ainda menos trabalhadores que pudessem vir a constituir uma classe dominante. Por meio de canhões, aviões e bombas é possível espalhar a morte, o terror e a opressão, jamais a vida e a liberdade. Com máscaras de gás, abrigos e alertas é possível forjar miseráveis rebanhos de criaturas enlouquecidas, capazes de ser possuídas pelo mais insensato dos terrores e de acolher com reconhecimento as mais humilhantes tiranias, nunca cidadãos conscientes. Por meio da grande imprensa e da rádio é possível fazer que todo um povo engula ao pequeno-almoço ou à ceia opiniões feitas, e por isso mesmo absurdas, pois até pontos de vista razoáveis se deformam e falseiam no espírito que os acolhe sem reflexão; não é, porém, possível suscitar por esses meios um só rasgo de pensamento que seja. E sem fábricas, sem armas e sem grande imprensa, nada é possível contra os que tudo isso detêm. E assim é em todas as coisas. Os meios poderosos são opressivos, os meios fracos são inoperantes. Sempre que os oprimidos quiseram constituir grupos capazes de exercer uma influência real, esses grupos, quer se hajam denominado partidos, quer sindicatos, acabaram por reproduzir integralmente no seu próprio seio todas as taras do regime que pretendiam reformar ou abater, a saber: a organização burocrática, a inversão da relação entre meios e fins, o menosprezo do indivíduo, a separação entre o pensamento e a acção, o carácter maquinal do próprio

pensamento, a utilização do embrutecimento e da mentira como meios de propaganda, e assim sucessivamente. A única possibilidade de salvação consistiria na cooperação metódica de todos, poderosos e fracos, tendo em vista uma progressiva descentralização da vida social; o absurdo de tal hipótese é, porém, imediatamente óbvio. Mesmo em sonhos, não é possível imaginar tal cooperação numa civilização que assenta na rivalidade, na luta e na guerra. E, na ausência de uma tal cooperação, torna-se impossível travar a tendência cega da máquina social para uma centralização crescente, até que a própria máquina brutalmente venha a travar-se e voe em pedaços. Reduzidos à mais trágica das impotências, simples joguetes de forças cegas e brutais, pouco ou nada pesam os desejos e votos daqueles que não ocupam postos de comando. Quanto àqueles que detêm um qualquer poder económico ou político, constantemente aguilhoados por ambições rivais e potências hostis, não lhes é possível tentar enfraquecer o seu próprio poder sem simultaneamente condenar-se a dele ser destituídos. Quanto mais animados de boas intenções se encontrarem, mais serão levados a tentar aumentar o seu poderio, de modo a aumentar a sua capacidade de praticar o bem; o que se resume a oprimir tentando libertar, tal como o fez Lenine. É evidentemente impossível que a descentralização parta do poder central; o poder central, na medida em que é exercido, subordina tudo o demais. De uma maneira geral, a noção de despotismo esclarecido, que sempre enfermou de carácter utópico, é, nos nossos dias, completamente absurda. Em presença de problemas cuja variedade e complexidade ultrapassam infinitamente

tanto os grandes como os pequenos espíritos, nenhum déspota no mundo poderá ser considerado esclarecido. Se a alguns homens é possível, à custa de honestas e metódicas reflexões, compreender algo de tal impenetrável obscuridade, não serão esses por certo aqueles a quem as preocupações e as responsabilidades do poder privam igualmente de tempo livre e de liberdade de espírito. Em tal situação, que resta fazer àqueles que se obstinam ainda, contra tudo e todos, em respeitar a dignidade humana neles próprios e nos outros? Nada, a não ser esforçar-se um pouco por interferir nos mecanismos da máquina que nos destrói; aproveitar todas as ocasiões de suscitar o pensamento, onde quer que tal seja possível; favorecer tudo aquilo que, no domínio da política, da economia ou da técnica, é susceptível de oferecer ao indivíduo uma certa liberdade de movimentos adentro das peias de que o rodeia a organização social. É sem dúvida alguma coisa, mas bem pouco. Na sua totalidade, a situação em que nos encontramos é algo semelhante à de viajantes que se encontrassem num carro lançado a toda a velocidade e sem condutor através de região acidentada. Quando terá lugar a quebra após a qual será possível tentar construir algo de novo? Talvez dentro de algumas dezenas de anos, talvez dentro de séculos. Nenhum dado nos permite determinar uma data provável. Ao que parece, porém, os recursos materiais da nossa civilização não correm o risco de esgotar-se durante largo tempo, mesmo tendo em conta possíveis guerras; por outro lado, e porque a centralização, abolindo toda a iniciativa individual e toda a vida local, destrói, pelo facto da sua própria existência, tudo o que poderia servir

de base a uma organização diferente, é-nos lícito supor que o sistema actual subsistirá até ao extremo limite das suas possibilidades. Parece-nos razoável pensar, em suma, que as gerações que deverão defrontar-se com as dificuldades suscitadas pela derrocada do regime actual ainda não nasceram. Quanto às gerações actualmente em vida, são talvez, de todas as que sucederam no decurso da história, as que mais terão a suportar o peso de responsabilidades imaginárias, menos o de responsabilidades reais. Tal situação, uma vez plenamente compreendida, reveste-nos de extraordinária liberdade de espírito.